

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

O ABANDONO DE CRIANÇAS NA REGIÃO DE GUAIANASES
Causas e conseqüências de um problema social

MARIA JOSÉ DE CARVALHO SILVA

ESPECIALIZAÇÃO - POLÍTICAS DE GESTÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

São Paulo
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

O ABANDONO DE CRIANÇAS NA REGIÃO DE GUAIANASES
Causas e conseqüências de um problema social

MARIA JOSÉ DE CARVALHO SILVA

ESPECIALIZAÇÃO - POLÍTICAS DE GESTÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

Monografia apresentada ao curso de Pós Graduação Latu Sensu, como exigência parcial, para obtenção do título de ESPECIALISTA em Políticas de gestão em Segurança Pública, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof.^a Maria Stela Santos Graciane.

São Paulo
2009

AGRADECIMENTOS

Nada seria eu, se não tivesse pais maravilhosos que sempre se orgulharam dos doze filhos que criaram

Minha mãe sempre nos ensinou a agradecer a Deus por tudo que tivemos.

No final deste trabalho quero sim, agradecer a Deus por estar terminando com todas as dificuldades que aconteceram comigo, devido ao acidente,. Mas não poderia deixar de agradecer a minha mãe por ter criado a mim e aos meus irmãos sabendo que não existe união se não tivermos respeito pelo outro, esteja o outro em qualquer circunstância, o outro será sempre nosso irmão.

As minhas filhas e filhos Renata, Fabio, Natalia que sempre me apoiaram souberam entender as vezes que eu não estava em casa quando precisavam de mim. Também não poderia esquecer do Rodrigo que mesmo estando distante, tenho certeza que deve estar torcendo por mais essa conquista. E ao meu marido que do seu jeito também apoiou este trabalho, e você Renato meu genro, que contribuiu no desenvolvimento do trabalho. e ao Paulo que do seu jeito também contribuiu no apoio.

Nos meus agradecimentos não poderia deixar de citar uma pessoa que sempre foi muito especial na minha caminhada de militância na área da infância, mas, principalmente nos movimentos populares, foi por causa dessa pessoa que cheguei ao final desse curso. A senhora TEREZINHA HELENA. Meu carinho e meu respeito pela pessoa que é

Aos meus Mestres, mas principalmente a DR^a MARIA STELA SANTOS GRACIANI, pelo esforço e a dedicação com que se empenhou para realização desse curso e que me orientou no trabalho desenvolvido meu muito OBRIGADA.

A todos os mestres e doutores que no decorrer do curso estiveram conosco procurando nos orientar da melhor maneira que puderam, sem esquecer todos os colegas de turma

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas dificuldades vividas por crianças e adolescentes que vivem em abrigos na região de Lajeado e Guaianases.

Para realização desta pesquisa foi feito contato com a coordenadora do Abrigo AVIB, que prontamente se dispôs a contribuir com o trabalho e atender na hora que fosse necessário.

Os problemas serão abordados, partindo do universo das famílias, suas condições sociais, suas formas de resistências seus sonhos, e naturalmente chegar na discussão de Políticas Públicas, voltadas para essa população

Para melhores resultados foi realizado entrevistas com três crianças entre sete e 12anos, e três, adolescentes entre 13 e 17 anos, que convivem no abrigo e que já passaram por situação de abandono.

Estão também incluídas entrevistas com três famílias que abandonaram seus filhos e que lutam na justiça para tê-las de volta para o convívio familiar, como também entrevista com a coordenadora do abrigo que é a primeira pessoa a receber as crianças, trazidas pelos Conselhos Tutelares ou encaminhadas pelo FORO, e também alguns técnicos e educadores que trabalham diretamente com a população abandonada.

Apesar das diferentes situações, as causas levam a crer que há dificuldade na identificação dos órgãos de defesa do que levou a criança ao ponto do abandono, como também há dificuldades de exigir políticas públicas para tais situações.

ABSTRACT

This paper aims to present some difficulties experienced by children and adolescents living in shelters in the region of Lajeado Guaianases.

For this research contact was made with the coordinator of the Shelter AVIB, who promptly set out to contribute to the work on time and attend as necessary.

The problems are addressed, leaving the universe of families, their social conditions, their forms of resistance their dreams, and of course get the discussion of Public Policy, aimed at this population.

For best results was conducted interviews with three children aged seven to 12 years, and three teenagers aged 13 to 17 years, who live in shelters and who have been in a situation of abandonment.

Also included are interviews with three families who abandoned their children and fighting in court to have them back to her family, as well as interview with the coordinator of the shelter is the first person to receive the children, brought by the Child Protection Council or forwarded by the FORUM, and also some technicians and educators who work directly with the population dropped.

Despite the different situations, cases suggest that there is difficulty in identifying the bodies defense that led the child to the point of abandonment, but they are difficult to require public policies for such situations.

INDICE

Agradecimentos	03
Resumo	04
Abstract	05
Introdução	07
Capitulo1 - O Abandono de crianças na região de Guaianases	08
1.1 Causas e Conseqüências de um problema social	08
1.2 Relatos de experiência	09
1.3 Os defensores de direitos	12
1.4 Exemplos de abandono	13
1.5 Quem são os famosos abandonados de hoje	16
1.6 Maioridade	18
Capitulo 2 - Século XIII	22
2.1 Pobreza e assistência	23
2.2 Roda dos expostos	23
2.3 Uma fase diferente	24
2.4 Mudanças de nome	26
2.5 Caminhos percorridos	27
Capitulo 3 - Da pesquisa	30
3.1 Modelo de entrevistas	31
3.1.1 Coordenadores do abrigo	31
3.1.2 Perguntas aos adolescentes abrigados	35
3.1.3 Entrevista com crianças de sete a onze anos	36
3.1.4 Entrevista com os pais e famílias	37
Capitulo 4 - Diagnóstico	39
Considerações finais	40
Referências bibliográficas	41

INTRODUÇÃO

A Região de Guaianases abriga em suas ruas, diferentes populações, advinda de vários lugares do Brasil, como também de outras nacionalidades, mais comumente, bolivianos, argentinos, coreanos, mexicanos, entre outros, que vivem nas mais diferentes situações de exclusão.

Fazem parte dessa população, moradores de rua prostitutas, traficantes, ambulantes, crianças e adolescentes que esmolam nos faróis, vendendo doces e outros objetos, para obtenção de sua sobrevivência e de sua família, mães e irmãos mais novos, ou para sustentar os vícios dos pais.

Tendo as ruas como espaço de atuação, a população infantil se encontra vulnerável a todo tipo de ofertas que possa levá-los a sobrevivência. Diante da negligência familiar, as drogas e a prostituição é o maior campo de ofertas para essa população.

A pesquisa sobre crianças em situação de abandono na região, reconhece a necessidade de destacar políticas públicas mais abrangentes e urgente em relação a essa população que vivem nesse nível de vulnerabilidade.

A referencia para todo trabalho da pesquisa foram as crianças abrigadas e a origem que os levou até o abrigo, sendo esse o marco inicial e a definição do trabalho.

As etapas desse trabalho deu-se em grupos com educadores e a coordenadora do abrigo como também com a população abrigada, o que levou a identificar os vários motivos, comparar os pontos em comum entre os abrigados, observar as diferentes opiniões que se formam em relação ao tema.

Por fim a entrevista feita com a coordenadora e com adolescente do abrigo foi o ápice final do trabalho, podendo assim identificar os mais variados motivos que são conseqüências de uma criança chegar ao ponto do abrigo.

Assim o trabalho será apresentado em duas etapas, a primeira como se deu o motivo da pesquisa e o que se levou a pesquisar e a segunda a realização da pesquisa através das entrevistas feitas com os agentes envolvidos com o tema e as diferentes formas de pensamentos relacionados ao mesmo tema e que envolve a população dessa região.

CAPITULO 1 - O ABANDONO DE CRIANÇAS NA REGIAO DE GUIANASES

1.1 Causas e conseqüências de um problema social

O tema abandono é um tema amplo. Segundo o dicionário Aurélio, abandonar é largar deixar.

Ao pesquisar esse problema na região de Guaianases, foi simplesmente pelo fato de morar na região e saber que o tema está muito em evidências, por trabalhar também nessa área fato já citado: e por perceber que cada vez mais as famílias estão largando seus filhos e jogando a responsabilidade para outros.

È comum no dia a dia do trabalho de um conselheiro tutelar, receber no mínimo dois ou mais casos por dia, de pais que chegam até o conselho levando seus filhos, pedindo abrigo, caso contrário, vão largá-los em qualquer lugar, pois não os querem mais em casa.

As causas são diversas, rebeldia, crises psicológicas, deficiências físicas e mentais, reclamações da escola, tráfico de drogas, separações de pais, desemprego e falta de alimentação.

Dentre essas causas as mais comuns são, os vícios das drogas pelos adolescentes e a separação dos pais, pelos vícios de drogas, entorpecentes e alcoólicas.

Percebe-se ai uma falta de responsabilidade, tanto dos pais como da família, avós, tios, parentes em geral fugindo da responsabilidade de receber a criança ou o adolescente em casa, alegando não ter condição de cuidar enquanto os pais fazem um tratamento, ou encontre-se uma solução para responsabilizar os pais sobre a obrigação de cuidar de seus filhos.

Por outro lado, cabe ao Poder Público, dar condições de vida para estas famílias, como trabalho, para que possam sustentar seus filhos, e não seus vícios.

Cabe ao Conselho Tutelar, representar para o Ministério Público, pela falta de responsabilidade das famílias, como também o Poder Público, pela falta de políticas de atendimento, e o Poder Judiciário responsabilizá-los sobre tais responsabilidades.

Segundo a DR. Marcilio, no livro "HISTORIA SOCIAL DA CRIANÇA ABANDONADA"1998, no código regulamentação babilônico de Hamurabi, no II

milênio a.c, aparece a primeira aceitação sobre o abandono de crianças. “Se um homem tomou uma criança para adotar com o seu próprio nome e o educou, esse filho adotivo não pode ser reclamado.”

Parece que as primeiras escritas no II milênio A.C,o tema abandono já era preocupante, pois o caso não poderia ser reclamado caso o adotante desse seu próprio nome ao adotado.

Desde essa época e com a evolução dos tempos muitas coisas mudaram. Pelo menos o conceito no que tange a questão do abandono, de quem resolve abandonar e não mais ter o direito de reclamar.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, esse conceito mudou e estudos foram desenvolvidos na área da sociologia da psicologia e da psiquiatria, chegando a conclusão que as causas do abandono sofre várias influências nesses sentidos.

Claro que crianças continuam sendo abandonadas, e por variáveis motivos, cada vez mais, abrigos são acionados para receber meninos e meninas abandonados nas ruas, pela família, pela sociedade e pelo Poder Público que diante da situação gritante que são as causas do abandono, acaba se tornando quase uma situação comum aos olhos da sociedade.

Os primeiros casos de abandono citados por “Marcilio” foi o de Ismael, filho de Abraão e de sua escrava Agar. Sara quando se casou com Abrão exigiu que ele expulsasse Agar com seu filho para o deserto. Sem água e sem ter o que comer, Agar abandona Ismael sobre um arbusto para não vê-lo morrer. (P, 21).

1.2 RELATO DE UMA EXPERIENCIA

A fome muitas vezes é uma das causas do abandono.

Vou citar aqui um fato, de uma das muitas experiências que tive no trabalho como conselheira tutelar.

Certa vez, recebemos uma denúncia que uma mãe havia abandonado três crianças, a denúncia dizia que a mãe saía todos os dias, deixando as crianças sozinhas, que no local havia ratos e muita sujeira, e que na maioria das vezes a genitora não retornava.

Fomos até o local, a denúncia tinha fundamento. Lá havia duas crianças, as mais velhas nove e cinco anos, confirmada a denúncia faltava uma criança.

Condomínio do CDHU, totalmente danificado, o abandono já estava caracterizado pela estrutura e aparência do prédio, sujeira, mato na entrada, denunciante avisara que era um espaço de tráfico de drogas.

Por ser um condomínio muito grande, com vários blocos de moradores tivemos dificuldade até na informação como chegar ao local, mas por fim encontramos o apartamento denunciado. Era no térreo de um daqueles blocos, batemos palmas, chamamos, no primeiro momento ninguém apareceu a porta estava entreaberta, entramos, nos deparamos com uma sena degradante.

A criança de cinco anos estava dormindo, era mais ou menos 11 horas, a de nove tinha duas colheres de açúcar e um pequeno baldinho com água que havia pedido para algum vizinho.

O fogareiro com apenas uma boca, era aceso com álcool, e aquela criança tentava fazer docinhos para seu sustento e do irmão que não conseguia levantar pela fome. Perguntamos o que estava fazendo disse que havia aprendido fazer aqueles docinhos e que era o seu café da manhã para ele e sua irmã que não conseguia levantar por causa da fome.

Perguntamos sobre sua genitora disse que havia saído cedo para procurar comida no lixo da feira, perguntamos como ela fazia comida? Disse-nos que na maioria das vezes comiam crua, porque o álcool não dava para cozinhar, várias perguntas foram feitas em relação a banho, escola, sobre sua irmãzinha mais nova. A todas, as perguntas a criança respondia com muita clareza e espontaneidade e com uma inteligência incrível.

Perguntamos ainda se sua mãe sempre saía, respondeu que sim, quando o açúcar estava acabando.

Aquela família de três crianças e uma mãe desesperada, abandonada pelo marido, pela família de ambas as partes e pela sociedade, saía de casa sim; quando era necessário apenas para pedir um pouco de açúcar e água, em casa de alguns vizinhos que se compadecia das crianças, cedia um pouco, talvez do pouco que tinham para doar àquela mãe. E que com certeza ao ver que iria acabar o provento necessário para o sustento de seus filhos procurava na feira restos de frutas e verduras, fosse pedindo, ou trazendo os restos das folhas que sobravam das feiras livres para mais um dia de sobrevivência dela e das crianças.

Ainda sobre essa situação, aguardamos um pouco ver se a genitora chegava, pois não queríamos levar as crianças sem antes fazer uma conversa com ela, os

vizinhos se omitiam em dar informações, nos primeiros momento pensamos se tratar de tráfico de drogas ou melhor de uma usuária que amedrontava todo mundo, aguardamos um pouco na casa e em conversa com a criança descobrimos que o genitor havia os abandonado porque sua genitora sofre de depressão e não tem coragem de se levantar, ficando muitas vezes dias e dias na cama e que o pai não deu mais noticia, descobrimos também que o sonho daquela criança era ser aviador.

Tivemos sorte, a genitora apareceu com a outra criança de três anos trazia na Mão apenas uma folha de revistas, que logo a criança que fazia os docinhos se encarregou de ver, naquela folha tinha desenhos de avião

Uma mãe com sérios problemas de saúde, e em situação de total abandono, procurava de alguma maneira sair do mundo da depressão para procurar alimento para os filhos, mas quando não encontrava trazia para o filho mais velho o alimento de um sonho que talvez ele nunca fosse concretizar, só Deus sabe o destino daquele menino tão esperto que tentava sobreviver, ajudando a mãe e aos irmãos.

Numa situação como essa, como avaliar a questão do abandono em sua amplitude? Quem abandonou primeiro? Será que essa mãe havia abandonado seus filhos de fato?

Qual a postura do profissional da defesa de direitos em avaliar a situação da família?

Será que a sociedade, antes de fazer o juízo de valor procurou saber o que de fato aconteceu? Procurou se inteirar da situação daquelas crianças? Alguém procurou saber quanto tempo eles não comiam? Digo das crianças, porque o tema aqui tratado é o abandono de crianças, mas e a genitora, também fora abandonada como Agar, e também tentava sair de uma certa forma para talvez não ver a outra criança que dormia sem poder levantar pela fome que sentia, será que a genitora não saía para não vê-la morrer?

Naquele espaço, não havia nem luz, nem água, imagina-se uma criança acordar a noite com sede ou doente o desespero dessa mãe, mesmo com depressão, para cuidar dos filhos, imagine quem fazia o papel de pai e de mãe, para acudir os irmãozinhos.

1.3 OS DEFENSORES DE DIREITOS

“E dever da família da comunidade da sociedade em geral e do Poder Publica assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente a vida, a saúde, a alimentação, a educação ao esporte ao lazer, a profissionalização a cultura a dignidade ao respeito e a convivência familiar comunitária” (Artigo IV do ECA).

Onde foi parar os direitos dessa família, dessas crianças? Qual direito desses citados, que estavam garantidos? Onde estava a escola que estudavam? Sim, porquê o mais velho já sabia ler, e até pretendia ser aviador, mas, e os outros? Quantos direitos violados naquela família, a genitora necessitava de um acompanhamento psiquiátrico, os filhos necessitavam de uma família que os assumisse, o Estado precisava fazer a sua parte, As crianças estavam sem escola, sem saúde, a residência estava em péssimo estado de degradação e a dignidade daqueles sobrevivente do sistema que não tinham mais coragem, apenas um se mantinha de pé fazendo garapa de açúcar para os outros sobreviventes, mesmo com todo esse estado lastimável de miséria, aquela casa ainda era a referencia da família, e no momento que foram informados que iriam para um abrigo ou albergue até que se localiza-se a família, foi um momento muito difícil, tanto para nós conselheiros como para as crianças e para desespero da genitora .

Por este e outros motivos, é que me interessei pelo tema abandono, no caso dessa família havia um fato muito forte, de problemas psíquico, uma mãe muito apegada aos filhos mas de péssimo relacionamento com à família, ao ponto de expulsar qualquer um que se aproximasse ou tentasse manter contato. A mesma era tido como louca, mas ninguém fez nada para ajudá-la ou ajudar as crianças.

Um pai, que por não saber, e nem poder lidar com a situação, achou melhor abandonar, largar, nem tão pouco procurar os filhos para não vê-los morrer de fome, mesmo sabendo das dificuldades da mãe e os riscos que estavam correndo.

E os tios, os avós, os parentes mais próximos, onde estavam?

Será que ninguém se preocupou em saber quanto tempo aquela família não tomava banho, onde faziam suas necessidades fisiológicas, se ficassem doente quem os levariam para o hospital, já que a genitora com seus problemas não conseguiria talvez perceber que alguma delas estivesse doente.

Após um longo diálogo com a genitora conseguimos fazer com que a mesma desse o endereço de alguém que a ajudasse para não abrigar as crianças. Ela com muito dificuldade conseguiu lembrar o nome e telefone de alguém em Santo Amaro, uma tia do ex-marido que sempre a ajudava, após contato com essa tia, que prontamente se prontificou a ajudar e levar a mesma para tratamento e ficar com as crianças, até que a mãe se recuperasse.

Citei este fato que é verídico, para ver a amplitude da questão do abandono.

1.4 EXEMPLOS DE ABANDONO

Como terá sido o fim de Agar a escrava e de Ismael? A Bíblia conta a história. Mas de Agar diz, que um anjo apareceu e mostrou um poço com água para Agar encher o cantil.

Antes de ter o filho, Agar quando estava grávida, já havia fugido dos maus tratos de Sara, **(Gêneses,16,6)**. A Bíblia diz que um anjo a encontrou e pediu para ela voltar.

Parece às nossas adolescentes, que quando ficam grávidas, quantas vezes já não haviam fugido de casa. No caso de Agar foi um anjo que a trouxe de volta, no caso de nossas adolescentes muitas vezes é a polícia que as trazem.

Abandonadas pelas famílias e por medo de enfrentar os pais resolvem sair de casa em plena adolescência, sem no primeiro momento se preocuparem com o que poderá acontecer, depois são abandonadas também pela sociedade e muitas delas pela própria vida.

Voltando o caso de Agar, quem primeiro abandonou foi Abraão, que motivado por Sara abandona sua escrava e mãe de seu filho juntamente com o menino. Em seguida Agar sem força e guiada pelo abandono, com sede, e fome, preferiu abandonar o filho, a vê-lo morrer de fome e sede.

A Bíblia acrescenta em **(Gn. 21,14-23)** que Agar saiu errante pelo deserto de Bersabéia.

O segundo exemplo é o de Moises, abandonado no cestinho de vime a beira do Rio Nilo e recolhido pela filha do faraó e mais tarde foi adotada por esta, que o transformou em um grande homem. (Marcilio p.22).

Relacionando os dois fatos; as duas crianças e as duas mães. As crianças transformaram-se em grandes heróis, Ismael foi um arqueiro famoso e casou-se com uma mulher egípcia, **(Gn,20.2,21)**.

Moises foi um grande líder do povo Hebreu, sua história é contada, cantada e encantada, através da Bíblia, de filmes e ilustrada em grandes livros

Quantos heróis temos, que também foram abandonados? Será que as historias de grandes escritores doutores e outros, são contadas como essas aqui citadas. Quantos Moises e Ismael que temos em nosso meio que passam despercebidos?

E as mães de Ismael e Moises? Uma se afastou um pouco para não ver a morte do filho. A outra colocou em um cesto de vime que não afundava, bem na hora que a filha do faraó tomava banho e que ela ficasse por perto para proteger o filho. Caso a filha do faraó pegasse o menino.

Duas situações diferentes, mas de abandono. Uma forçada pelo poder do faraó de mandar matar todas as crianças que nascesse do sexo masculino até um ano de idade. A outra por ciúmes de uma esposa que não podia ter filhos.

Hoje, crianças são abandonadas por diversas situações, são jogadas por janelas de apartamentos, são vendidas como mercadorias são trocadas como se fossem objetos sem valor nenhum. E quem são os faraós de hoje?

Essas comparações são para ver que as causas do abandono tem uma história antiga, essas historias muitas vezes não são estudadas nem avaliadas, são apenas julgadas, massacradas e sequeladas.

Os filhos do abandono de hoje, com certeza não terão a mesma historia que Moises e Ismael tiveram na Bíblia, com certeza lhes contarão uma historia que lhes trarão grandes seqüelas na vida adulta.

O que lhes dirão sobre os pais, seu pai está na prisão, era um viciado em drogas, um traficante, sabe-se lá o que lhes dirão sobre a mãe, talvez as mesma palavras direcionadas ao pai, jamais saberão o que levou seus pais ao abandoná-los ou se até mesmo os pais já eram abandonados também.

Fatos concretos, todos os dias chegam aos abrigos, aos conselhos tutelares, aos foros, cada um com as mais diferentes histórias, como se hoje fosse comum qualquer motivo se abrigar uma criança ou abandoná-la.

A mitologia e a filosofia relacionam na Grécia clássica inúmeros casos de abandono.

Na mitologia os casos de bebês enjeitados são recorrentes. Um dos mais conhecidos foi o de Édipo filho de Laios e de Jocasta. O pai foi advertido pelo oráculo que seu filho o mataria. Temeroso mandou abandoná-lo no Monte Citeron, atando fortemente seus pés para que air morresse. Um pastor o levou ao rei de Corinto Políbio, que não tendo filhos o adotou. Édipo tornou-se um herói, mas a profecia do oráculo se realizou. Como se sabe Édipo se casou sem saber com a própria mãe e teve morte trágica, (Marcílio, P 22).

Ainda na mitologia grega, vários casos são citados pela autora, como por exemplo o caso de Júpiter Deus da Luz, que foi igual abandonado por seus pais ao nascer.

Zeus e Anfion os gêmeos filhos de Zeus e Antíope, foram expostos no Monte Citeron, e recolhidos por pastores.

Posidon o grande Deus das águas, fora abandonado e uma ama o criou para defende-lo da veracidade de seu pai, Cromo (Marcílio, p 22).

A autora cita uma lista de figuras mitológicas abandonadas por ser pais ao nascer e que não termina por air. Escalápio, (filho de Apolo) Hefesto, até a Deusa Cibelialem de Priamo, Hercules, Licasto e Paraíso, e que segundo ela na maioria dos casos da mitologia o abandono sobe na categoria social torna-se herói e tem destino brilhante

O medo levou Laios a abandonar Édipo, a profecia do oráculo foi mais forte do que a responsabilidade de Laios de assumir o filho ou ver para crer, chegando ao ponto de abandoná-lo para que morresse.

O medo, a responsabilidade, a aparência social, tudo isso parece ter uma ligação com a situação de abandono, tanto antes como atualmente.

Nos casos de abandono citado por MARCÍLIO, parece que o monte Citeron era um lugar especial para se abandonar as crianças.

Seria porque não passava ninguém, ou por pura intenção de que pastores passariam por ali e de uma certa forma se compadeciam das crianças e acabariam levando-as para casa? Nos casos de Édipo, Zete e Anfion, abandonados no monte Citeron, e também recolhidos por pastores, e mais coincidências ainda, é que todos

se tornaram famosos, com certeza eram pastores que davam uma belíssima educação aos abandonados, tornando-os guerreiros famosos.

1.5 QUEM SÃO OS FAMOSOS ABANDONADOS HOJE

Quem são os famosos abandonados hoje? Quantos são e como é feito as pesquisas sobre a questão do abandono?

Será que os famosos abandonados não querem que saibam que foram abandonados?

Se o medo era um fator de abandono mesmo sendo na mitologia grega, no Brasil ou melhor na região de Guaianases não é diferente. O medo de uma adolescente de 12 a 17 anos enfrentar uma gravidez, assumir a responsabilidade de uma criança talvez seja uma das causas do abandono.

O medo de uma mãe pensar que seus filhos poderão morrer de fome é também uma causa, o pavor da violência do marido que abusa sexualmente dos filhos e a responsabilidade que se acarretará sobre ela, caso denuncie o marido muitas vezes faz com que essa mãe não denuncie ou chegue abandonar o lar e os filhos fugindo da violência.

São vários os fatores que pode-se analisar as causas da violência, claro que nenhum justifica o abandono ao ser indefeso sem proteção e sem saber qual será seu futuro.

Talvez para quem abandonou, imaginou que o futuro daquele abandonado fosse como no monte Citeron, tivesse o mesmo fim heróico como os heróis da mitologia, que pastores, reis, fossem criar seus filhos ou no mínimo essas crianças teriam um fim mais decente do que o que estavam vivendo até o momento do abandono.

O abandono na região de Guaianases também tem seus cinco minutos de fama, fama não de heróis, mas de guerreiros pela sobrevivência, e heróis pela mídia sensacionalista que não procura levar o conhecimento das causas do abandono, seja Ela qual for, mas para julgar e gerar IBOP

Em muitos casos para a mídia, o melhor é mostrar a miséria pelos meios de comunicação de massa, do que o reconhecimento e a valorização da vida humana.

Pelo que sabemos não tem nem um nome famoso em meio a tanto abandono na região.

Os casos de abandono da Bíblia também foram famosos:

Moisés criado no palácio do faraó ficou famoso tornou-se líder do povo hebreu.

José do Egito filho de Jacó e jogado no poço pelos seus irmãos por pura inveja pelo carinho tinha por ele, também são casos de famosos citados na Bíblia.

Mais um caso de abandono; a inveja e o ciúme levaram os irmãos de José a abandoná-lo para morrer no poço, e a mentira que contariam ao pai para justificar a falta de José, não poupam nem o pai que poderia morrer por causa do amor do filho e a incoseqüência dos outros filhos.

Assim também são as justificativas para a situação de abandono nos dias de hoje.

As avaliações técnicas, são feitas de acordo com o que é contado, no momento da abordagem seja no abrigo seja no FORO ou qualquer outra instituição que trabalha nesta questão.

O abandono de crianças não foi um fenômeno no Império Romano John Boswel estimou que os romanos urbanos abandonavam de 20% a 40% nos três primeiros séculos da nossa era. (Marcilio, p.25).

Considerando que nos três primeiros séculos de nossa era já se abandonava tanto, não podemos nos admirar porque os abrigos estão tão lotados atualmente.

Naturalmente pelos mais diversificados motivos, e diferentes razões para acolher crianças e adolescentes que chegam todos os dias vinda dos mais diferentes órgãos de “defesa”.

Do século terceiro para o século vinte e um, houve uma grande mudança, a tecnologia avançou significativamente em todos os sentidos. O que podemos pensar o que hoje, num século tão avançado o que justifica tanto abandono?

Sabemos que cada vez mais, (ONGs, DH, GOVERNOS MUNICIPAL FEDERAL E ESTADUAL,) preocupados com as questões sociais, se debruçam

juntos para pensar e encontrar meios para combater a questão. Porém, parece que não há muito interesse que se combata tal situação.

Sendo assim como ficaria o orçamento de alguns órgãos para permanecer se mantendo, se não tivesse crianças e adolescentes em abrigos, ou nas chamadas Fundação Casa

Entende-se aqui uma transferência de responsabilidade, tanto da família que muitas vezes não preparados com os avanços já citados, continuam achando que filhos o único problema é tê-los, sem se preocupar com o futuro, sem o mínimo planejamento de como será a vida dessas crianças e têm três quatro e até mais filhos. Como também do Poder Público, em investir em políticas de atendimento as famílias necessitadas.

Claro que esses avanços trouxeram muitos benefícios, mas para quem avançou junto. Quem continuou sem estudar, continuou sem trabalho, quem não fez um curso técnico, continuou desempregado, mas a família foi aumentando, como não tinha nenhum estudo e desempregados não se preocupou com o estudo dos filhos, ou melhor, não teve condições de prepará-los melhor.

Por isso, hoje é comum ver jovens com mais de treze anos sem saber ler nem escrever ou que apenas terminaram o ensino fundamental. Como também os órgãos de defesa que vão transferindo responsabilidades para outros órgãos, sem se preocupar com as situações de abandono é um tal de “manda daqui pra Lá e de Lá para Cá” que muitas vezes as pessoas desiste de procurar ajuda e acabam no descaso do abandono.

1.6 MAIORIDADE

O ECA, completou apenas dezoito anos, e somente de uns anos para cá que estão sendo “cobrados” as atribuições dos conselheiros, e mandados para os Conselhos Tutelares as reivindicações da população para com o Poder Público em relação a saúde e a educação, principais pedido e não justificado para providências cabíveis, atribuição dos conselheiros tutelares após esgotar os recursos desses órgãos.

Não procuramos pensar nas graves conseqüências que terá na vida adulta uma criança abandonada e abrigada.

Basta observar as reações que tem um adolescente, quando descobre que foi adotado, por uma família, ou adolescente que vivem em abrigos. digo isso com conhecimentos de causa e pela minha experiência profissional.

Em atendimento diário no trabalho desenvolvido pelos CTS, mas em especial Lajeado o qual faço parte, é comum atender pais, trazendo seus filhos adotados de onze a dezesseis, para entregar para abrigos, como se aqueles e aquelas meninas fossem mercadorias ruins que não se quer mais

Imaginemos uma pessoa passando pelo processo de desenvolvimento da adolescência descobrir que não é o filho daqueles pais que o criaram e que de uma hora para outra dizem: Nós não somos teus pais, e por conta de tua rebeldia não te queremos mais e vamos te abrigar. É se sentir abandonado não pela mãe biológica, que não tivera contatos ou se tivera foi o mínimo e talvez em condições miseráveis, mas pelas pessoas que acreditou-se ser seus pais e agora numa situação que talvez não sabem identificar estão sendo colocados para fora da vida daquelas pessoas, que sempre acreditou-se ser seus pais.

É se sentir abandonado para o resto da vida pelo menos naquela momento.

Entre os séculos V a X, a igreja teve importante papel na recepção e na distribuição de bebês abandonados. No entanto não há nenhuma norma por ela elaborada nessa época observa-se qualquer preocupação em condenar o enfeitamento de crianças, de acordo com as antigas normas patriarcais (Marcilio.p33).

Observa-se nesse contexto que a prática do abandono sempre foi vista por órgão ligado a igreja como sendo algo comum, os motivos que levavam ao abandono não eram espiaados, o bebe era cuidado até certo ponto e depois ia para adoção, sem saber grau de parentescos ou quem eram seus parentes.

Ainda hoje há muitas ONGs ligadas a Instituição igreja, a maioria das vezes a igrejas católicas, que tentam “amenizar” o problema oferecendo formação sócio-educativa procurando assim envolver as famílias para reparar danos causados as vitimas (crianças e adolescentes), o que de primeiro momento, torna-se um trabalho difícil.

É sabido que o primeiro momento de um menino ou menina no abrigo há certa resistência de aceitação, tanto de quem está abrigado quanto de quem está sendo chegando. Quem já esta já tem seu espaço garantido, suas amizades seu

grupo de convivência. Quem está chegando necessita conquistar espaço, se sente invasor, precisa fazer amizade, cooptar amigos, escolher grupo de participação.

Por outro lado, o abrigo tem a função de receber bem, fazer o papel de quem se comprometeu com a sociedade para trabalhar essa questão, envolve-los no grupo e fazer com que ele se sinta bem acolhido para o bom andamento do grupo já existente.

Outro papel importante do abrigo é fazer o contato com a família, do abrigado, para fazer a preparação do retorno deles com a família. Há certa resistência tanto da família quanto do abrigado para essa preparação, um por se sentir vítima, outro por se sentir culpado.

Para os abrigados a família é sempre culpada por ela se encontrar naquela situação, porém a maior culpa recai sobre a mãe que é sempre a maior culpada, em alguns casos é usada a palavra ódio para as mães, os pais os avós, depois a não aceitação de se próprio pela rebeldia isso no caso de pais vivos.

Para os pais a dificuldade do reencontro é a justificativa de sua incapacidade, é saber o que e como fazer para ter aqueles filhos de volta, ter que largar os vícios ou ter que levá-los consigo ou nunca mais os ter consigo. Por esse motivo muitos pais não procuram seus filhos abrigados por não ter forças de largar tais vícios. (Fonte de relatos de experiências de trabalhos como voluntária).

Entretanto o que se espera dos compromissos que as ONGs têm com as famílias e com a sociedade, seja de fato de recuperação da família e que o retorno das crianças abrigadas seja de fato, para viver com segurança e não mais com a violência.

O parágrafo único d art. 101 (ECA). Deixa claro “ o abrigo é medida provisória e excepcional utilizável como forma de transição para colocação em família substituta não implicando privação de liberdade”.

O abrigo é medida provisória de transição para colocação em família substituta.

Esse parágrafo único do Eca do artigo 101, deixa mais uma preocupação e junto com o artigo segue mais um relato de minha experiência como conselheira tutelar.

É comum para conselheiros tutelares receber pais, trazendo seus filhos adotados quando crianças, que fizeram a experiência da família substituta, e dizer que não querem mais os filhos porque pegou para criar para fazer favor aquele adolescente, e que hoje ele não agradece e que não os querem mais.

Esses pais, tiveram visitas técnicas do FORO, ficaram um ano ou mais fazendo a experiência palestras com o poder judiciário, e foram considerados aptos para receber aquelas crianças em casa.

É também comum perceber que os primeiros momentos o da impolgação do adotante é a satisfação do ego do poder adotante, da boa ação, percebe-se que esses pais não têm nenhuma informação ou formação e muito menos experiência dos momentos da rebeldia dos adolescentes. Não contam com a cobrança que irão ter talvez muito antes da adolescência. Isso porque muitos pais despreparados ao adotar a criança começam a dar de tudo “coisas materiais” para eles, pensando em suprir o que eles não tiveram. O carinho dos pais. Sem perceber que o que está no cognitivo da criança não se alcança e somente eles poderão suprir a partir de certa idade.

O passado deixa marcas profundas, não há recompensa que livre o estrago feito na vida de uma pessoa abandonada, e em se tratando de uma criança ou um adolescente, pessoas em pleno desenvolvimento, que culturalmente nasceram para viver em família consanguínea, a não aceitação a outras família é bastante comum.

Diante da rebeldia apresentada na adolescência e o despreparo da família, faz com que o adotante se sinta impotente, sem capacidade para continuar dando o respaldo do primeiro momento da adoção, chegando ao impulso de lavá-los aos órgãos que trata dessa questão.

CAPITULO 2 - SECULO XIII

Até o século XIII, a tradição canônica tolerou o abandono.

Evitar o infanticídio e o aborto era uma das justificativas encontrada para aceitar a rejeição dos filhos.

A criança abandonada teria a oportunidade de não morrer sem batismo ou ainda de livrar-se do enfadonho limbo por toda a eternidade

os pais não teriam assim que devolver a Deus os filhos que não queriam, afinal era ele o grande responsável por sua existência. (p. 47).

Culpar Deus de ser responsável pelo motivo que levava os pais a abandonar seus filhos naquela época, era fruto da ignorância e negligência dos pais e do poder político da época que era dominado pela igreja.

Hoje a culpa é da miséria, do desemprego, das situações vivida no mundo contemporâneo, não se leva em conta que a criança que faz parte dessa historia é um ser em desenvolvimento e que para ela o que importa é o amor que prevalece entre famílias, não se leva em consideração que uma criança abandonada torna-se uma pessoa insegura, depressiva e carregará consigo todos os requisitos do abandono.

Pobreza, ilegitimidade, defeito físico, má formação, foram as causas mais alegadas para o abandono depois do século XII segundo a(Prof Marcilio p. 45,)o que diferencia dos dias de hoje. Pobreza, má distribuição de renda, poder capitalista, drogas, hospitais superlotados, a educação que não oferece atrativo nenhum, para o jovem de baixa renda permanecer na escola, o stress familiar dando lugar ao diálogo, a mídia, com seu poder de consumismo incentivando os jovens ao desenfreado consumo, a violência exarcebada tirando o lugar da paz.

Se nos séculos anteriores, tinha a igreja que impunha seu poder criando códigos, preocupados com a questão do abandono, construindo hospitais, internatos, conventos, mosteiros, rodas para expostos.

Hoje temos em cada esquina uma roda de expostos da sociedade, onde o comando do tráfico de drogas dão as ordens, se reúnem, debate e disputam lugares onde irão distribuí-las, usando as crianças do abandono, para poder manter-se no conceito de melhor ou de maior entre eles.

2.1 POBREZA E ASSISTENCIA

Várias citações são feitas no livro da professora Marcilio, como por exemplo a transformação no sec. XI e XII, como a reforma gregoriana, o renascimento das cidades e o desenvolvimento da economia, nasce uma nova fase, o assistencialismo.

Mollat afirma que a pobreza e a assistência passaram a ter uma nova conotação, de um lado estão os desvalidos, que esperam imploram e ate mesmo exigem ajuda; do outro os que espontaneamente lhe viram as costas.

Há inovações no campo da assistência aos bebês expostos,(abandonados). Surge pequenos hospitais com poucos leitos para alojar doentes, velhos crianças desvalidas, mulheres sós e peregrinos nas áreas urbanas da Itália, cidades do norte da França. Esses hospitais fundados por confrarias de pequenos hospitais ao lado de grandes hospitais, fundados pelas comunidades urbanas e príncipes, é o início de se institucionalizar as novas confrarias de caridade, dessas confrarias surgiram as primeiras instituições a infância órfã abandonada começava assim no século XIII a fase da infância abandonada desvalida.(Marcilio,p.49,50).

2.2 RODA DOS EXPOSTOS

As situações de miséria dos séculos XI e XVII, levaram a igreja a tomar atitudes, redigir regras as necessidades exigiu a criação de obras especializadas, asilos para crianças abandonadas, para velhos e para órfãos; albergue para andarilhos; hospitais para doentes; recolhimento para mulheres viúvas ou sós; isolamentos para os leprosos. Cada especialização tinha um nome, para criança abandonada e pobre o nome era BRETOTÓFIO- A direção dessas instituições ficou entregue aos bispos.

Segundo Marcilio, o papa Inocêncio teve importante atuação na assistência institucionalizada a criança abandonadas.

Um fato parece ter sua ação nessa área: em 1203,retiraram do Rio tigre em suas redes, uma grande quantidade de bebês afogados. Inocêncio III, ficou tão chocado que destinou o Hospital do Santo Espírito In Saxia (ao lado do Vaticano), para receber os expostos abandonados, e para dirigir o Hospital chamou Frei Rui de Montepellier.

Fora do hospital em seu grande muro foi criado uma “Roda” com um pequeno colchão para receber os bebês mesmo em pleno dia, estando rigorosamente vedada a busca de informação sobre quem os havia trazido, (p. 52)

Parece haver uma preocupação grande na época, ao crescente número de bebês abandonados, por parte da igreja em fazer hospitais, asilos, albergues, BRETOTOFIO, porém poucas citações foram feitas sobre o trabalho da igreja com relação aos pais dessas crianças, quem eram os pais desses abandonados, de onde vinham tantos bebês? Pelo que sabemos crianças não aparecem do nada sem pai e mãe, mulheres ainda não fazem filhos sozinhas,

Para citação nesse sentido apenas aparecem filhos ilegítimos ou filhos de escravos, nada se fala do trabalho que a igreja fazia ou fez para evitar tal situação.

A autora faz referências às questões das crianças expostas na roda, segundo ela a mortalidade era crescente, no final do século XIV, 20% dos abandonados morriam ao chegar ao hospital de San Galle de Florença, outros 30% no final do primeiro ano, 32% sobreviviam até cinco anos. No Hospital Scala no século XV, 25% morriam até completar um mês, 44% até completar um ano, apenas 13% atingiam o sexto ano de vida.

Uma maneira de fazer desaparecer a cocumbinagem foi a inquisição no século XVI, com as normas fixadas no concílio de Trento, foram tomadas várias medidas para excomungar os cocumbinos, nessa época os reis e muitos nobres criavam os seus bastardos.

2.3 UMA FASE DIFERENTE

A fase da filantropia é referida pela autora como a fase das transformações sociais, operadas no Brasil no que diz respeito às políticas sociais voltadas para a infância desvalidas.

Os avanços citados pela mesma são, a Abolição da escravatura; a queda da monarquia; a separação da Igreja do Estado; a queda do monopólio religioso, da assistência social; o avanço da legislação social pro infância; a instituição do estatuto legal de adoção; a construção dos direitos das crianças as grandes reformas do ensino de 1930 de *(Francisco Campos)*, e de 1961 das *(Diretrizes e Bases da Educação)*, e da emergência do Estado protetor; ou do Estado do Bem Estar Social década de 1960.

Naturalmente que vários outros pontos não foram mencionados nesse trabalho no que diz respeito á criança abandonada, apenas alguns pontos da obra da professora Marcilio, a qual fundamentamos a pesquisa.

A amplitude do tema requer mais detalhe, á historia da criança abandonada não parou por ali, continua se abandonando crianças, a grande diferença é que na época, á igreja e os poderes que atuavam juntos com ela, “preocupados” com tantos abandonos inventaram uma roda para expor as crianças, e não procuravam saber quem os abandonou ou por qual motivo havia tantos abandonados.

Hoje o abandono é visível, sabe-se quem abandona, e porque abandona, está bem claro no ECA- no artigo IV:

“É dever da família da comunidade da sociedade em geral e do poder público assegurar cm absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes a vida, a saúde, a educação, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, a cultura a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária”

O abandono hoje é praticado por todos esses Diretos que são violados por cada referencias que faz o artigo **IV do ECA-** de várias formas e em variados momentos.

Há dificuldades de se lidar com o abandonado ou até mesmo com o motivo que o levou ao abandono.

As famílias que abandonavam as crianças no século XVIII e XIX, até a metade do século XX, eram praticamente invisíveis, crianças eram deixadas na roda dos expostos, pela miséria, pobreza, escravidão, medo. Hoje os motivos continuam, à miséria à pobreza, só que o diferencial é a escravidão que tomou um rumo diferente, é uma escravidão que atinge toda sociedade, pobres, ricos , miseráveis, são atingidos pelo poder do consumismo, pelas drogas, pela ganância do ter e do poder mais. Por esse motivo é caracterizado diferente.

Essas características aparecem nas atitudes das crianças, nas violências nas escolas, nos consultórios de psicologia e neurologia, nos encaminhamentos aos conselhos tutelares, nos abrigos cheios de crianças com pais e mães separados e que não assumem a responsabilidade de seus filhos, na Fundação Casa, e nas cadeias cheias de jovens de 18 a 25 anos, nas liberdade assistidas e nos altos

índices de mortalidade de jovens que procuram nas baladas das noites liberar as frustrações das causas do abandono.

2.4 MUDANÇAS DE NOME

Do final do século XIX até o final do século XX as mudanças no tratamento a infância foram “evoluindo” gradativamente. A professora Marcilio faz referências a algumas delas na (pg195). Projetos filantrópicos iniciaram uma nova etapa, medicina preventiva apareciam com novas formulas, onde os congressos e as trocas de experiências dinamizavam os serviços sociais, médicos higienistas procuravam atacar as questões da infância abandonada, no combate a mortalidade infantil, no cuidado com o corpo, no estímulo a educação física, aos esportes, a amamentação, á pediatria como novas áreas de conhecimentos, as campanhas de saúde e de higiene.

Ainda no final do século XIX, juristas deixaram seus campos de atuação tradicional, a educação rígida aparece ai com a teoria de refrear as tendências ao crime; pregada pelos Lambrosianos. Pouco depois aparece Loucassagne com a influencia benéfica garantindo as metas dos meios sociais.

A designação da infância mudou nessa fase de intervenção da medicina e das vivencias jurídicas. Segundo a autora o termo criança foi empregado para os filhos das famílias bem postas (ricas), MONOR tornou-se discriminativo para a infância desfavorecida, delinqüente, carente, abandonada.

Do inicio do sec. quando se pensou na infância pobre no Brasil até hoje, a termologia mudou, De “Santa Infância”, “Pestizes”, Expostos”, “Órfãos”, “Infância Desvalidas”, Menores Abandonados”, “Peraltas”, “Menores Viciados”e Infância em perigo Mortal.

Grandes lutas foram travadas na historia da criança abandonada. Os médicos higienistas foram os grandes batalhadores nessa luta.

A vida dos expostos era ponto principal na luta pela extinção nitidamente, temendo males maiores sobre a sociedade, no momento em que se abolisse a roda.

Na concepção de alguns médicos, a roda era um instrumento mais de de defesa do que de condenação, apoiados pelo senso comum de que a roda era uma criação cristã.

A medicina contribuiu muito com a extinção da roda dos expostos, e a influência foi ganhando outro olhar, o pensamento médico começa a sofrer transformação, os debates ganharam proporções, quando as autoridades tomaram consciência dos altos níveis de mortalidade infantil dos expostos das rodas associaram esses índices, ao sistema de entregas de bebês as amas mercenárias e ignorantes despreparadas.(pg198).

Graças a ação conjugada de médicos e juristas, a campanha pela extinção da roda ganhou força na década de 1920, eles conseguiram introduzir a extinção das rodas dos expostos em todo o país, no Código de Menores de 1927, e em seu artigo 15, determinava: “ A admissão dos expostos à assistência , se fará por consignação direta, excluindo o sistema das rodas”. Pg199.

Visitar o museu da Santa Casa foi uma observação de algumas profissões que aparece até hoje como meio de sobrevivência e que vieram ou tiveram sua origem na infância abandonada por volta de 1895.

O Asilo São Cornélio em Fortaleza, fundado para meninas maiores de 12 anos, para lhes dá ensino de costureiras e bordadeiras em branco, seda e ouro, floristas, engomadeiras, lavadeiras, arranjos de casa e de cozinhas, e ma boa instrução primaria..

Já em São Paulo, em 1784, o Instituto de Educandos Arteses, com ensino profissionalizantes: para alfaiate, marceneiro, serralheiro, e cel.

2.5 CAMINHOS PERCORRIDOS

No livro” ARQUIVO DO ABANDONO” a autora Eliane M. B. Bernal, p, 25 dá uma contribuição sobre o histórico do abandono desde 1924, com relação ao juizado de menores, onde era feito o julgamento especial para a infância com o auxilio de conselho de assistência e proteção ao menor. (Denominação da época.) contribuindo ainda com a Declaração de Genebra 1923, e o Código de Menores 1927, código esse que permaneceu ate 1979,elaborado em plena Ditadura Militar pelo jurista Aluisio Cavalieri.

Sendo hoje a infância protegida pela lei 8069/90, (ECA) Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo explicitada que crianças e adolescentes são iguais perante a lei, e passando a ser responsabilidade de todos conforme artigo VIII da mesma lei.

Passa a família a ser alvo de discussão pelos problemas acontecidos, com crianças, assim também o Estado e a sociedade em geral deve contribuir para que nada falte a essa população que serão o futuro do país, o que queremos é um futuro e sem violência para nossa infância.

Entendemos que as políticas pública para a infância nasceram de um confronto entre o poder público e a sociedade de formas articuladas, levou um longo período, passou por muitas reorganizações e estruturação de nomes variados como Código de Menores Estado de bem estar Social 1964, (SSM) Serviço Social de Menores, (SAM) Serviço de Assistência a Menores, 1947, sendo que esses serviços era tido como órgão repressor denunciados por corrupção e maus tratos a criança abandonada.

No decorrer desse estudo teórico foi possível perceber que a infância desse país desde 1935, vem sendo alvo de estudo passando por diferentes órgãos ligado a assistência social.

Chegando ao ano de 2009, mesmo com uma lei onde diz que crianças e adolescentes são prioridades, ainda falta muito para que esse fato aconteça.

Basta passar pelos chamados conselhos tutelares, para perceber as dificuldades que os conselheiros enfrentam para trabalharem, sem saber o que fazer com as crianças que chegam todos os dias a esses conselhos, possam no mínimo ter um atendimento digno. É sabido porém, que quando se recebe essa população abandonada e em situação de riscos, na cidade de São Paulo conselheiros varam noites sem encontrar um abrigo nos chamados (CRECAS,)Centro de Referencia de Crianças e Adolescentes,

porta de entrada para os conselhos tutelares abrigar a infância em situação de riscos até que se encontre um meio de retornar para as famílias, correndo o risco de retornar com os mesmos para o local de origem dos riscos deixando-os expostos aos riscos e os conselheiros sendo alvo perfeito para a mídia, tirando a responsabilidade do poder público.

É sabido que muitos conselheiros tutelares não saibam ainda qual sua atribuição representada no artigo 136 do ECA. É por esse motivo como também por falta de uma ação colegiada conjunta, para fazer valer a ação conselheira juntas ao MP (Ministério Público), Juízes da Vara da Infância e Juventude, Difusos e coletivos, onde possa se organizar e criar de fato políticas pública para a população infante,

como também para as famílias que possam ter estruturação suficiente para assumir a responsabilidade ao que se comprometeu a assumir uma família.

Foram nesses fatos que fundamentamos esse trabalho, procurando detalhes descobrir o que leva tantas crianças a serem abandonadas, claro que não chegamos a conclusão pois a cada momento que se procura uma vaga para abrigar um adolescente a resposta é não, os abrigos e os CRECAS estão lotados.

Que bom seria que não fosse preciso procurar essas vagas e sim que ao invés de procurar um abrigo houvesse grupo de apoio as famílias, onde as crianças ao saírem das escolas pudesse participar de oficinas educativas desenvolver suas criatividade e serem vistas como pessoas de direitos.

Esses fatos só se darão com o apoio de todos: sociedade, Estado juntos com o mesmo objetivo em defesa da infância.

Entretanto por mais que se fale de políticas pública, continua faltando vagas em CEIs, EMEIs, psicólogos, oftalmos dentistas e outros atendimentos necessários na vida das famílias, atingindo diretamente a infância.

Conclui-se com isso que o abandono de criança não esteja focado em apenas deixar a criança em qualquer lugar mas em negar os direitos que são prioridades para um viver bem junto com a família num ambiente saudável e com dignidade.

Pesquisas feita pelo Instituto Sou da Paz na Região do Lajeado, constatou novos espaços de cidadania criados como melhoria, selecionado para intervenção e qualificados como ambiente de convivência pacífica.

Qualificaram os pesquisadores como resultado dessa pesquisa, maior interação entre as famílias e as comunidades de diferentes bairros. Que freqüentam esses espaços. Sensação de segurança, redução nos atos de violência, mobilização entre a comunidade e o Poder Público, ampliação dos espaços e mudanças de idéias de: “espaço de ninguém, para espaço de todos.”(PROJETO SÃO PAULO EM PAZ,

CAPITULO 3 - DA PESQUISA

A pesquisa foi feita com esse objetivo: avaliar os problemas que levaram às crianças até o abrigo, a reação dos pais ao ter seus filhos abrigados, como conviver com isso, e a relação instituição instituídos, famílias e poder publico.

Chegamos a um parecer que os motivos são praticamente os mesmos os vícios de álcool e drogas. A violência domestica , casos de abuso sexual, entre outros.

A relação instituição se dar da melhor maneira possível sendo que os primeiros dias de iniciação são os piores, devido as regras a ser seguidas pela instituição e os costumes anteriores dos institucionados..

Apesar de todos os avanços alcançados nos preceitos do abandono nos últimos dezoito anos do ECA (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE) o fato de haver a implementação no Brasil, a garantia de um atendimento digno ainda falta muito e há um enorme desafio a ser superado.

É importante que não pare de fazer varias reflexões nesta questão capaz de incluir diretamente na estrutura familiar e numa visão direta do poder publico investindo diretamente na camada da população mais vulnerável , com capacitação, formação e proposta que leve a conclusão de que crianças e adolescentes são o futuro dessa nação e para que tenhamos um futuro sadio e bem preparados será necessário nossa preparar bem nossa infância.

3.1 MODELO DAS ENTREVISTAS

3.1.1 COORDENADORES DO ABRIGO

I) Como que a Entidade/Abrigo AVIB trabalha?

a) Programa pedagógico

Organização e funcionamento do serviço

Em cumprimento aos arts. 92, 94 e 101 (no que couber) do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, O Abrigo se propõe a efetivar o desenvolvimento das atividades de forma dialógica e com participação democrática de crianças, adolescentes, orientadores socio educativos, gerência, equipe técnica, familiares e voluntários, mediante abordagem multidisciplinar. Todas as ações propostas deverão oferecer o caráter de estimular a participação, a criatividade, o raciocínio, a concentração, a solidariedade, responsabilidade e a cooperação, com objetivo de promover mudanças que concorram para a melhoria da relação das crianças e adolescentes com suas famílias de origem e destes com a sociedade em geral.

Este processo deverá ser desenvolvido, além de uma rotina diária, através de oficinas lúdicas, culturais, de lazer, educativas, profissionalizantes e de convivência familiar e comunitária principalmente fora do espaço do Abrigo, além de reuniões, orientações e acompanhamentos aos usuários no seu desenvolvimento psicossocial, observando-se a garantia de oportunidade para manifestação, desejo e interesse da criança e do adolescente, salvaguardados idades e condições dos mesmos.

Particularmente para os adolescentes deverá ser desenvolvido o seu reconhecimento no espaço social como cidadão de direitos e deveres, na constante busca do desenvolvimento de sua autonomia e qualificação profissional com foco na preparação para o seu protagonismo e desligamento do Abrigo. Para com as crianças, o processo é não eximi-la de sua condição infantil, respeitando as etapas fundamentais para o seu desenvolvimento físico e intelectual através da garantia do exercício de sua infância, com atividades realizadas no seu cotidiano, observando a provisão da segurança de convívio para o desenvolvimento da sociabilidade, o protagonismo e a prevenção de riscos e o alto índice de vulnerabilidade pessoal e social.

b) Composição, equipe

ESPECIFICAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS DISPONÍVEIS

Função	Escolaridade	Carga horária	Quantidade
Gerente I	Superior	40 horas	1
Assistente técnico	Superior	40 horas	1
Técnico	Superior	40 horas	1
Educador social	Superior	Plantão 12/36	5
Educador social	Nível médio	Plantão 12/36	5
Agente operacional	Alfabetizado	Plantão 12/36	3
Agente operacional	Nível médio	40 horas	2
Total			18

c) Relação com abrigados

Uma relação de parceria, construída sob aspectos dialógicos no qual se adquire respeito e aceitação do trabalho proposto.

II) Qual o atendimento com o grupo e com o jovem/criança?

- Educação

Escolas próximas do abrigo, participação na vida escolar cotidianamente, colaboração nas dificuldades e oficinas.

- Saúde

Encontros temáticos trimestrais (planejamento, prevenção e manutenção da saúde, duração de 2 horas; garantir atendimento clínico, odontológico e psicológico sistemático, além de atividades alternativas, como as oficinas).

- Lazer

Participações em eventos comunitários, fortalecimento dos vínculos de amizade, visitas familiares, considerando as condições familiares e passeios.

- Cultura

Aplicação de dinâmicas semanalmente, realizações de gincanas semestral, passeios mensais, festas em datas comemorativas, valorização do tempo ócio com atividades físicas, atividades lúdicas.

III) Qual a relação com a família?

- Composição

Famílias geralmente compostas somente pelas genitoras. O abrigo mantém uma relação de respeito à condição familiar de cada criança ou adolescente em situação de abrigo, fortalecendo um vínculo afetivo, muitas vezes, destruídos.

- Acompanha os atendimentos

O abrigo procura dividir com a família de origem algumas responsabilidades para com o educando (a), facilitando um processo de re-interesse dos genitores nos cuidados e atenção ao educando (a).

IV) Como é feito o trabalho com o egresso?

É um trabalho gradativo, com início desde o momento do abrigamento, ou seja, procura-se visar o desabrigamento logo que a criança ou adolescente é abrigado. Logo após seu desligamento é realizado acompanhamento técnico por um período de seis meses, sendo este acompanhamento assistencial e psicossocial.

V) Qual a capacidade do abrigo, e quantas crianças têm e quantos adolescentes?

A capacidade deste abrigo é de 20 usuários. Sendo eles, no momento, de 9 adolescentes e 11 crianças

VI) Qual a maior dificuldade em lidar com essa população?

Este abrigo não costuma trabalhar com a maior ou a menor dificuldade relacionada ao usuário do serviço, mas sim com as dificuldades na região, pois a demanda para este público é extensa e a ausência de políticas públicas efetivas para crianças e adolescentes é notória. Mas atualmente a equipe técnica enfrenta o grande desafio de inserir o público do abrigo em atividades socioeducativas, principalmente de qualidade.

VII) Quanto ao Poder Público, quais as dificuldades?

Dificuldades de entendimento real da situação da criança e do adolescente no abrigo, pois geralmente o poder público trabalha com quantidade no atendimento e o

abrigo preconiza a qualidade e respeito no mesmo atendimento. O que acaba por gerar conflitos geracionais.

Sobre a relação com o judiciário?

I) O que fazer com um adolescente rebelde que não aceita o abrigamento, e desestrutura todo o funcionamento do trabalho que já está construído em clima de paz dentre os abrigados?

Buscar conhecimento suficiente em relação à saúde orgânica e mental deste adolescente, para que assim seja possível encaminhá-lo a órgãos de atendimento específico, pois se acredita que toda rebeldia é seguida de uma necessidade peculiar.

II) Qual o pior momento da fase do abrigado?

É difícil para o abrigo descrever tal momento, pois cada caso é um caso, mas uma situação muito comum e bastante complexa para todos é quando ultrapassa seu limite de espera para o desabrigamento, ou seja, todos entram com “um determinado prazo” para saída e quando isso não acontece surge sintomas de angústia, tristeza, revolta, depressão e desespero, entre outras.

III) Como se dá às relações técnicas e profissionais com os abrigados no primeiro momento?

De forma acolhedora, pois se trata do início de um processo muito doloroso. Assim ao ter conhecimento do ingresso de uma criança ou adolescente ao Abrigo, a equipe técnica deverá se organizar antecipadamente de forma a recebê-la (o) para o devido momento de acolhida afetuosa, prosseguindo com a apresentação do novo residente ao grupo já instalado e a todos os funcionários presentes, que já deverão estar orientados quanto aos primeiros encaminhamentos, seguindo de um momento para escuta, orientações gerais e apresentação do espaço físico para sua futura convivência coletiva.'

IV) Você se sente família das crianças do abrigo?

Família não. Mas penso cotidianamente qual a importância da minha presença e participação na vida de cada criança e adolescente em situação de abrigo, pois todo

o trabalho é direcionado para a construção de respeito e referência de responsabilidade.

V) Como você vê a função técnica dentro do abrigo?

Um tanto desconexa, porém fundamental. Pois ao mesmo tempo em que se foca a imparcialidade, valoriza-se a afetividade como características relevantes ao bom atendimento do usuário.

VI) Para você essa situação de abrigamento e de abandono um dia terá fim, ou vai perdurar para sempre?

Penso que o perfil dos locais de atendimento à crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e social, serão reformulados a medida que se alteram as características do ser humano nesta fase da vida, portanto acredito que ainda estamos um tanto longe de erradicar esta situação do nosso país.

3.1.2 PERGUNTAS AOS ADOLESCENTES ABRIGADOS

I) Quanto tempo você está aqui?

3 Anos e 4 meses

II) O que você acha do abrigo? O que os trouxe até aqui?

Um lugar que me protege. Minha família não tinha condições de ficar comigo.

III) Já passou por outros abrigos?

Sim (3)

IV) E como foi sua experiência em outro abrigo?

Nos outros abrigo eu não tinha liberdade para fazer as atividades e eu não tinha acesso a rua, não conhecia nem ônibus.

V) Como é sua vivência com os educadores e com seus colegas?

Normal, mas prefiro ficar sozinha.

VI) Você recebe visita de sua família? Qual a importância das visitas para você?

Sim, e é importante porque está mostrando união.

VII) Tem vontade de sair daqui?

Vontade não, porque eu quero ficar no abrigo até os 18 anos.

VIII) Qual seu maior sonho?

Terminar os estudos, trabalhar e ajudar a minha mãe.

IX) O que você diria para os adolescentes que estão La fora?

Pra não provocar a separação da família.

X) E para os pais que abandonaram seus filhos?

Eu questionaria, pra que colocar filho no mundo e depois abandonar.

XI) Sua vida social acabou esbarrando na profissional?

XII) O trabalho no abrigo foi uma escolha ou uma necessidade?

XIII) Qual o trabalho do abrigo com os pais para o retorno dos filhos?

XIV) O que é abandono para você?

Os pais deixarem os filhos sozinhos.

XV) O que pretende fazer quando sair daqui?

XVI) Diga três coisas boas e três ruins em relação ao abrigo.

Boas: Comida, passeios, estudos. Ruins: Não pode sair à noite, não pode ver novela, não pode namorar os educandos do mesmo abrigo.

3.1.3 ENTREVISTAS COM CRIANÇAS DE SETE A ONZE ANOS:

1 - Qual o nome de cada um

Esthefany e Marcos

2 -Quanto tempo está ali?

Ela: 5 meses – Ele: 8mese

3 - O que os levou até o abrigo?

Ela: porque a mãe foi internada no hospital

Ele: porque a mãe não tinha onde morar

4 -Tem visita da família?

Ambos: sim

5 - Como é o abrigo?

Ela: legal e bom

Ele: bom

6- Qual o melhor momento dentro do abrigo? E o pior?

Ela: bom é quando eu vou à escola e ruim é quando acontecem brigas

Ele: bom é quando eu vou pro futebol e ruim quando eu não posso ir ao futebol

7- Seus pais moram juntos

Ambos: não

8 - Qual a escolaridade?

Ela: 3º série

Ele: 2º série

9 - O que querem ser no futuro?

Ela: médica

Ele: jogador de futebol

3.1.4 ENTREVISTA COM OS PAIS E FAMILIAS

1 - Idade

32 anos

2 - O que levou seus filhos ate o abrigo?

Não ter lugar para morar e condições de criá-los

3 - Pretende tê-los de volta?

O mais rápido possível

4 - O que acha do abrigo

Muito bom para cuidar das crianças

5 - O que sentiu no primeiro momento do abrigamento?

Tristeza

6 - O que sente hoje ao visitar os filhos?

Calma

7 - Como é sentar-se à mesa sem a presença dos filhos?

Bem difícil

8 - Está fazendo algo para trazer seus filhos de volta?

O abrigo está me ajudando a conseguir a aposentadoria

9 - Como pretende trabalhar o retorno deles após o desabrigamento?

Cuidar deles e não deixar mais nada faltar

10 - Qual futuro você espera para seus filhos?

Tudo de bom e que eles estudem bastante.

11 - Você acha que foi um bom exemplo para eles?

Sempre fui boa mãe, só não tive dinheiro.

12 - Sente saudades deles, em que momento?

Todos os dias.

CAPITULO 4 - DIAGNÓSTICO

O diagnostico da pesquisa se deu através de entrevistas com o abrigos, AVIB Coordenadora Vânia Maria e os adolescente conforme entrevista em anexo.

Na entrevista, foram levantado dados fundamentais para saber o que causou o abandono, como também as principais características de quem abandona e se entre os entrevistados existe algo em comum.

Entre dados avaliaremos o perfil, levando em consideração as diversas causas do abandono observando o fator sócio-econômico, os vícios, álcool e drogas são os que mais aparece como causa, ou se a violência domestica, a pobreza a miséria, a falta de higiene e a depressão também faz parte desse tema, incluindo ainda nesta pesquisa o fanatismo religioso.

Por fim quisemos com essa entrevista, chegar a conclusão se as causas que levam uma família abandonar seus filhos tem as mesmas características.

Pretendemos TAMBÉM comparar se a privacidade das famílias mais ricas é diferentes das menos abastardas, e neste contexto observar as principais causas pois afinal de contas o rico não abandona. Paga colégios caros, cursos de vários idiomas viagens caríssimas, para não caracterizar abandono pois o "dinheiro" paga tudo.

Foi dentro desse contexto comparativo que foi realizada a pesquisa, analisamos os dados para chegar a uma determinada conclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A garantia que a lei 8069\90 exige pela sua execução, é o mínimo que deve ser feito para uma boa qualidade de vida pela população infantil para não chegar ao nível do abandono.

As possibilidades de se ampliar políticas de atendimento as famílias, como também tratamentos médicos, terapêuticos e acompanhamentos aos pais viciados no combate a violência domestica, são meios para que as crianças se mantenham junto às famílias.

É importante oferecer condições a essas crianças para se manterem em espaços públicos que lhes proporcionem acesso á educação de qualidade, á cultura, ao esporte ao lazer, sendo essa a tarefa principal do poder público juntamente com os defensores da lei.

As questões levantadas nessa pesquisa têm como objetivo continuar juntamente com as organizações de defesa estar discutindo a situação e tentar definir políticas dirigidas a essa população.

Há de se reconhecer que crianças que vivem nessa situação, são negras, brancas, de diferentes nacionalidades e credos, como também devido ao uso abusivo de drogas, diferentes classes sociais já se agregam neste quadro. Quadro esse que aparece muitas crianças com aparentemente transtorno esquizofrênico, o que leva a crer que também essa é uma causa do abandono por muitas famílias, por não saber lidar com a situação ou por não ter nenhum diagnóstico que identificasse a causa.

Essa pluralidade de causas leva a crer que há dificuldade na identificação dos órgãos de defesa do que levou a criança ao ponto do abandono, como também há dificuldade de exigir políticas publicas adequadas para tais situações.

A centralidade de atenção precisa levar em consideração todos esses aspectos, e exigir que ao pensar em políticas públicas para essa população, se faça com a ótica de que a família é a base principal. Pais e mães sem sustentação de uma vida digna, sem saúde, sem trabalho, não pode dar uma vida digna para seus filhos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAL, E.M.B. Arquivos Do Abandono – São Paulo: Editora Cortez, 2004.)

Bíblia Sagrada – São Paulo: Edições Paulinas 1990.

Constituição Federal, 1998

Declaração Universal Dos Direitos Humanos – Bahia: CESE,2003.

Dicionário Aurélio – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Prefeitura do Município de São Paulo – São Paulo, 2007.

MARCILIO, M.L. Historia Social Da Criança Abandonada. Editora Hucitec: São Paulo, 1998)

Projeto De Pesquisa São Paulo Em Paz – São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2007.)